

A FAZENDA DOS BICHOS

GEORGE
ORWELL



MADREPÉROLA

TRADUÇÃO DE **MARIA VALÉRIA REZENDE**
ILUSTRAÇÕES DE **ROBERTA ASSE**





A FAZENDA DOS BICHOS

GEORGE
ORWELL

Tradução de
Maria Valéria Rezende

 MADREPÉROLA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

O79f Orwell, George.

A fazenda dos bichos / George Orwell; Tradutora: Maria Valéria Rezende; Prefácio de Débora Reis Tavares; Ilustrações de Roberta Asse.--1. ed.-- Londrina, PR : Editora Madrepérola, 2021.
224 p.; il.; 13,5x20,5 cm.

Título original: *Animal farm*: a fairy story
ISBN 978-65-87269-28-3

1. Romance. 2. Fábula. 3. Literatura Inglesa. 4. Totalitarismo. I. Título. II. Assunto. III. Orwell, George.
IV. Rezende, Maria Valéria.

CDD 820
CDU 82-191(410.1)

21-30046009

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Inglesa: Fábula.
 2. Literatura: fábula (Inglaterra).
-

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário
Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

Tradução e notas Maria Valéria Rezende
Capa, ilustrações e projeto gráfico Roberta Asse
Coordenação editorial Rafael Silvaro
Edição Cassia Leslie e Marcia Paganini
Paratextos Ricardo Augusto de Lima
Diagramação Rafael Silvaro
Revisão Rosana Rios



A escrita política como arte6

1. ...12

2. ...30

3. ...48

4. ...64

5. ...78





6 ■ ...**98**

7 ■ ...**118**

8 ■ ...**140**

9 ■ ...**168**

10 ■ ...**192**

O autor	212
A tradutora	214
A obra	215
Fábula? Sátira? Romance!	218
Referências bibliográficas ..	223

A escrita política como arte

Estamos diante do penúltimo livro de George Orwell, o oitavo dentre uma breve carreira ficcional, de apenas nove obras. Essa foi a narrativa que abriu as alas para o renome do escritor inglês na literatura mundial. *A fazenda dos bichos* desbrava fronteiras inéditas na carreira do autor: em termos de forma, de conteúdo e pelo uso da linguagem objetiva, sua marca estilística fundamental. O requinte de Orwell está, acima de tudo, em se fazer entender.

Para um mergulho profundo nessa obra é preciso levar em consideração sua forma, de modo a compreender que *A fazenda dos bichos* é uma espécie de fábula satírico-alegórica. Temos a fábula como pano de fundo, por meio do espaço campestre, de animais como protagonistas e de um desfecho com

uma “moral da história”. À frente desse pano de fundo, observamos o uso da sátira como ferramenta de linguagem, uma composição irônica contra instituições, sistemas e ideias de determinada época.

Todos esses elementos se entrelaçam numa rede literária sofisticada, cujo toque final está no emprego preciso da alegoria, em que os personagens funcionam como ferramentas para abordar uma mensagem mais ampla sobre o mundo. A alegoria refina ainda mais a composição narrativa, justamente pelo fato de termos tipos sociais, que se personificam nos bichos e humanos da fazenda, de maneira que a substância da matéria social aparece em forma de seres vivos.

Assim, questões abstratas tomam corpo ao longo da narração, reforçando um elemento fundamental do estilo orwelliano, a junção de forma e conteúdo. Nas palavras do próprio autor: “O que mais desejei fazer [...] foi transformar escrita política em arte. Meu ponto de partida é sempre um sentimento de proselitismo, uma sensação de injustiça” (ORWELL, 2005, p. 15). Questões da vida em sociedade transpostas em arte possuem ligação profunda com alguns eventos, como a Segunda Guerra Mundial e, principalmente, a Revolução Russa.

Muitos são os caminhos possíveis dentro da arte para retratar determinado tema, principalmente quando se tem no horizonte a crítica social. O percurso traçado pelo narrador foi o de levar para a esfera do campo, em um ato simbólico e, acima de

tudo, irônico, questões que se desenvolviam no espaço urbano, pautado por batalhas, sofrimento e guerra. Em seu célebre prefácio para a edição ucraniana de *Animal Farm*, Orwell esclarece:

[...] pensei em denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas. No entanto, os detalhes concretos da história só me ocorreriam depois, na época em que morava numa cidadezinha, no dia em que vi um menino de uns dez anos guiando por um caminho estreito um imenso cavalo de tiro que cobria de chicotadas cada vez que o animal tentava se desviar. Percebi então que, se aqueles animais adquirissem consciência de sua força, não teríamos o menor poder sobre eles, e que os animais são explorados pelos homens de modo muito semelhante à maneira como o proletariado é explorado pelos ricos (ORWELL, 2007, p. 140).

A imagem que tece o fio condutor da obra se pauta na exploração de uma classe pela outra e, conseqüentemente, na possibilidade da tomada de consciência e transformação. *A fazenda dos bichos* costura uma trama de eventos históricos denunciando a ascensão de um regime totalitário, especificamente o stalinismo. A posição crítica do narrador possui algumas reverberações dentro de um debate político, que se estendeu ao longo da Guerra Fria: o anticomunismo. Justamente por ter sido escrito de

maneira clara e objetiva, as interpretações sobre o conteúdo desse livro desdobram-se para ambos os lados do espectro político, conservador e progressista. Todavia, é preciso ter em mente que estamos diante de um ponto de vista que se posiciona dentro desse debate polarizado: “cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrata, da forma que eu o entendo” (ORWELL, 2005. p. 15).

Assim, é de extrema importância observar como se comportam os animais na fazenda e a maneira pela qual esses elementos narrativos operam como comentário crítico. Afinal, estamos diante de uma obra que, com maestria, alinhou elementos formais, impulso histórico e propósito político. O oitavo livro de Orwell mudou para sempre a sua carreira literária e, por consequência, a maneira com que vemos o mundo nunca mais foi a mesma.

Débora Reis Tavares é mestra e doutora em literatura inglesa pelo Departamento de Letras Modernas da FFLCH (USP), bacharel em letras e tradução pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, além de especialista nas relações entre literatura e sociedade, em especial, sobre a obra de George Orwell.

LIBERDADE, ALEGRIA E COMIDA



**PARTE
POR
SERÃO**



COSTAS MAIS NENHUM ARREIO

**NÃO
CHEGOU
PISSADO**

1.





Sr. Jones, da Fazenda Casarão, havia trancado as portas dos galpões para a noite, mas tinha tomado o maior porre e esqueceu-se de fechar todas as pequenas aberturas. Com o facho da lanterna a balançar-se para um lado e outro, atravessou o terreiro, sacudiu as botas junto à porta dos fundos, ainda se serviu de um último copo de cerveja do barril na dispensa e cambaleou até a cama, onde a Senhora Jones já estava roncando.

Logo que a luz do quarto se apagou, uma agitação e um burburinho percorreram todos os galpões da fazenda. Durante aquele dia tinha se espalhado a notícia de que o Velho Major, um valioso porco, barrão de raça, tinha tido um estranho sonho na noite anterior e queria contar aos outros animais. Tinham combinado de encontrarem-se todos no celeiro maior, assim que o Sr. Jones deixasse o caminho livre. O Velho Major (como sempre o chamavam, embora o nome com que

o apresentavam nas feiras fosse Beleza de Willingdon) era tão respeitado na fazenda que todos estavam prontos a perder uma hora de sono a fim de ouvir o que ele tinha a dizer.

Numa das pontas do grande galpão, sobre uma espécie de estrado elevado, o Major já se encontrava bem acomodado na sua cama de palha, sob um candeeiro pendurado de uma viga. Ele tinha doze anos e ultimamente estava pesado demais, mas ainda era um porco de aspecto imponente, além de ter um ar sábio e bondoso, apesar do fato de que suas presas nunca tinham sido cortadas. Em dois tempos os outros bichos foram chegando e se instalando confortavelmente, cada um de seu jeito. Primeiro vieram os três cães, Branquinha, Jessie e Belisco; depois, os porcos, que se deitaram na palha bem em frente ao estrado. As galinhas se empoleiraram nas janelas, os pombos esvoaçaram até as vigas do teto, as ovelhas e vacas se deitaram logo atrás dos porcos e puseram-se a ruminar. Os dois animais de tração, Guerreiro e Azedinha, chegaram

juntos, devagarinho, com seus grandes cascos peludos pisando o chão com todo cuidado para o caso de haver algum bicho dos pequeninos escondido na palha. Azedinha era uma égua forte e com ar matriarcal, já chegando à metade de sua vida, cujo corpo não tinha mais conseguido recuperar a forma original após parir seu quarto potro. Guerreiro era um mulo enorme, quase um metro e oitenta de altura e com força equivalente à de dois cavalos comuns. Uma listra branca pelo focinho abaixo dava-lhe um ar pouco inteligente, e ele não era mesmo nenhum gênio, mas todos o respeitavam por sua firmeza de caráter e sua imensa capacidade de trabalho. Depois dos equinos vieram Muriel, um bode branco, e Benjamin, o jumento. Benjamin era o animal mais velho da fazenda e o mais mal-humorado. Raramente falava e, se falasse, quase sempre era para fazer alguma reflexão debochada — por exemplo, dizia que Deus lhe tinha dado a cauda para afastar as moscas, mas que preferia não ter nem cauda nem moscas. Era o único dos animais do sítio que nunca ria. Se

lhe perguntassem o porquê, ele diria que nunca achava graça em nada. No entanto, embora jamais confessasse abertamente, ele era muito afeiçoado a Guerreiro; os dois geralmente passavam seus domingos juntos no pequeno gramado para lá do pomar, pastando lado a lado, sem nada dizer.

Os dois equinos tinham acabado de estender-se no chão quando apareceu no celeiro uma ninhada de patinhos, perdidos da mãe, grasnando e vagando de um lado para o outro, procurando um lugar protegido do perigo de levar pisadas dos outros. A égua Azedinha fez logo uma espécie de proteção em volta deles com suas grandes patas dianteiras, os patinhos ali se aninharam e caíram no sono. No último momento, entrou Molly, a vaidosa e elegante égua branca que puxava a charrete do Sr. Jones, requebrando-se e exibindo-se, mascarando um torrão de açúcar. Foi logo lá para a frente e começou a sacudir sua crina branca trançada com fitas vermelhas, querendo chamar a atenção. Por último veio a gata, que olhou em

volta, como sempre, procurando o lugar mais quentinho; acabou por meter-se entre o mulo Guerreiro e a égua Azedinha e lá ficou, toda contente, ronronando durante o discurso do Major, sem escutar nem uma palavra do que ele dizia.

Todos os animais já estavam presentes, menos Moisés, o corvo domesticado, que dormia em um poleiro atrás da porta dos fundos. Quando o Major viu todos eles instalados e esperando atentamente, pigarreou e começou a falar:

— Companheiros, vocês já ouviram falar sobre o sonho estranho que eu tive ontem à noite, mas do sonho eu falarei mais adiante. Primeiro tenho outra coisa a dizer. Eu acho, companheiros, que não estarei com vocês por muitos meses mais e, antes de morrer, eu sinto que é meu dever transmitir-lhes a sabedoria que eu adquiri. Tive uma vida longa, muito tempo para pensar, sozinho no meu chiqueiro, e acho que posso dizer que entendo a natureza da vida nesta terra, assim como qualquer

animal vivente. É sobre isso que eu quero falar com vocês.

Pois bem, companheiros, qual é a natureza desta nossa vida? Vamos encarar a realidade: nossas vidas são miseráveis, trabalhosas e curtas demais. Nascemos, dão-nos comida apenas o suficiente para manter nossos corpos respirando; e aqueles de nós que são capazes de trabalhar somos forçados a gastar até o último átomo de nossa energia; assim que perdemos nossa utilidade, somos imediatamente massacrados com odiosa crueldade. Nenhum animal na Inglaterra sabe o significado da felicidade ou do lazer depois de completar um ano de idade. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida de um animal é miséria e escravidão: essa é a pura verdade.

Mas será que isso simplesmente faz parte da ordem da natureza? Seria porque esta nossa terra é tão pobre que não basta para dar uma vida decente a todos os que nela habitam? Não, companheiros, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, tem um bom clima, é capaz de dar comida em abundância a um

FBI





número muito maior de animais do que somos hoje. Só esta nossa fazenda poderia sustentar uma dúzia de cavalos, mais vinte vacas, centenas de ovelhas — todos vivendo com um conforto e dignidade que nós hoje nem podemos imaginar. Então, por que continuamos a viver nessas miseráveis condições? Porque quase todo o produto do nosso trabalho é roubado de nós pelos seres humanos. Aí está, companheiros, a causa de todos os nossos problemas. Resume-se em uma única palavra — Homem. O Homem é nosso único verdadeiro inimigo. Tire-se o Homem de cena e a raiz da nossa fome e do nosso excesso de trabalho será abolida para sempre.

O Homem é a única criatura que tudo consome sem nada produzir. Ele não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar um arado, não é capaz de correr o bastante para conseguir pegar coelhos. No entanto, ele é o dono de todos os animais. Ele os obriga a trabalhar e só lhes devolve o mínimo necessário para não morrerem de fome. O restante ele guarda só para si mesmo. Nosso trabalho

cultiva a terra, nosso esterco a aduba e assim mesmo nenhum de nós possui mais do que sua pele nua. Vocês, vacas que estão aqui na minha frente, quantos milhares de litros de leite vocês deram durante este último ano? E o que aconteceu com aquele leite que deveria ter amamentado bezerrinhos bem saudáveis? Cada gota dele escorreu para as goelas de nossos inimigos. E vocês, galinhas, quantos ovos botaram neste último ano e de quantos desses ovos nasceram pintinhos? A maior parte foi parar no mercado para dar dinheiro a Jones e seus homens. E você, Azedinha, onde estão os quatro potrinhos que você pariu, que deveriam ser o amparo e a alegria da sua velhice? Cada um foi vendido com apenas um ano de idade — você nunca mais verá nenhum deles. Em troca de suas quatro gestações e de todo o seu esforço arando os campos, o que você já recebeu além da ração mínima e uma baía?

Não nos permitem sequer viver a duração natural dessas vidas miseráveis que levamos. Não me queixo por mim mesmo, pois eu sou um dos sortudos. Tenho 12 anos e tive mais

de quatrocentos filhos. Assim é a vida natural de um porco reprodutor. Da cruel facada final, porém, nenhum bicho escapa. Vocês, leitões que estão sentados aqui na minha frente, dentro de um ano cada um de vocês vai dar o último berro de sua vida, esfaqueado sobre um cepo. Todos nós estamos destinados a esse horrível fim — vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Nem os cavalos e os cães terão melhor destino. Você, Guerreiro, no dia em que esses seus grandes músculos perderem a força, Jones vai vendê-lo para o carneiro que vai degolar e cozinhar você para alimentar cães de caça. Mesmo aos cachorros, quando envelhecem e ficam desdentados, Jones amarra um tijolo em volta do pescoço para afogá-los no açude mais próximo.

Então, companheiros, não é claro como o dia que todos os males destas nossas vidas nascem da tirania dos seres humanos? Basta que nos livremos do Homem e o fruto de nosso esforço pertencerá somente a nós. Poderíamos ficar ricos e livres, quase da noite para o dia. Então, o que devemos fazer? Ora,

trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para derrubar o domínio da raça humana! Essa é a minha mensagem para vocês, companheiros: Rebelião! Não sei quando chegará essa revolução — pode ser daqui a uma semana ou daqui a cem anos, — mas eu vejo, tão claramente quanto vejo a palha em que me deito, que mais cedo ou mais tarde se fará a justiça. Não percam isso de vista, companheiros, durante o resto de suas vidas! E, acima de tudo, passem esta minha mensagem aos que vierem depois de vocês, para que as gerações futuras continuem na luta até chegar à vitória.

E lembrem-se, companheiros, nunca devem duvidar de sua decisão. Nenhum argumento deve levá-los a desviarem-se dessa meta. Não deem ouvidos a quem disser que o Homem e os animais têm os mesmos interesses, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. Isso é uma grande mentira. O Homem jamais serve aos interesses de nenhuma outra criatura, senão dele mesmo. E que entre nós, animais, haja perfeita unidade, perfeito companheirismo na luta. Todos

os homens são inimigos. Todos os animais são companheiros.

Nesse momento levantou-se um enorme alvoroço. Enquanto Major falava, quatro grandes ratazanas tinham se arrastado para fora de suas tocas e estavam sentadas nas patas traseiras, ouvindo-o. De repente os cachorros as viram e, se os ratos não tivessem corrido rapidamente de volta para seus buracos, teriam perdido suas vidas. Major levantou a pata, pedindo silêncio.

— Companheiros — disse ele —, aqui está uma questão que precisamos resolver já: as criaturas silvestres, como os ratos e os coelhos, serão nossos amigos ou nossos inimigos? Vamos pôr isto em votação. Minha pergunta para esta assembleia é: Os ratos são nossos companheiros?

Fez-se imediatamente a votação e a esmagadora maioria concordou em que os ratos eram companheiros. Houve apenas quatro votos discordantes: dos três cachorros e da gata — mas logo depois se percebeu que esta

última havia votado tanto pelo sim quanto pelo não. Major continuou:

— Eu tenho pouco mais a dizer. Quero apenas repetir: lembrem sempre seu dever de combater nosso inimigo Homem e todos os seus planos. Seja quem for, se andar sobre duas pernas é um inimigo. Todo aquele que ande sobre quatro pernas ou tenha asas, é um amigo. E lembrem-se também de que, lutando contra o Homem, não devemos nos tornar parecidos com ele. Mesmo quando vocês o tiverem vencido, não adotem seus vícios. Nenhum animal deve jamais viver em uma casa, nem dormir em cama, usar roupas, beber álcool, nem fumar tabaco, pegar em dinheiro, nem se meter com comércio. Todos os hábitos do Homem são péssimos. E, acima de tudo, nenhum animal deve oprimir seus semelhantes. Sendo fracos ou fortes, espertos ou simplórios, somos todos irmãos. Nenhum animal deve, jamais, matar outro animal. Todos os animais são iguais.

E agora, companheiros, eu vou lhes contar meu sonho da noite passada. Não sei como

lhes descrever esse sonho. Sonhei como será a terra quando o Homem tiver desaparecido. Fez-me lembrar de uma coisa que eu tinha esquecido há muito tempo. Muitos anos atrás, quando eu era um leitãozinho, minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma velha canção da qual sabiam apenas a melodia e as três primeiras palavras. Aprendi essa música na minha infância, mas já se tinha apagado da minha cabeça há muito tempo. Ontem à noite, no entanto, lembrei-me dela em meu sonho. Além disso, toda a letra da canção também veio à minha memória — palavras que decerto foram cantadas pelos animais de muito tempo atrás e tinham ficado esquecidas por várias gerações. Cantarei essa música para vocês agora, companheiros. Eu sou velho e minha voz está muito rouca, mas, se eu lhes ensinar a canção, poderão cantá-la muito melhor do que eu. Chama-se Bichos da Inglaterra.

O Velho Major pigarreou para limpar a garganta e começou a cantar. Como ele mesmo disse, sua voz estava rouca, mas até que cantou bastante bem e era uma toada muito animada,

alguma coisa entre “Oh, my darling Clementine”
e “La Cucaracha”. A letra era assim:

Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,
Bichos viventes de todos os lados,
Trago notícias, não só propaganda,
De que haverá um futuro dourado.
Mais cedo ou mais tarde, há de acontecer:
O tirano Homem será derrubado,
E estes bons solos, vocês hão de ver,
apenas por bichos serão pisados.
Não mais argolas em nossos focinhos,
Nas nossas costas mais nenhum arreio,
Esporas e freios fora do caminho,
Mais nenhum chicote, nenhum aperreio.
Teremos riqueza que nunca se acaba,
De trigo e cevada, de aveia e capim,
De trevo, feijão e até beterraba,
Vai dar e sobrar e nunca ter fim.
A luz brilhará na nossa Inglaterra,
Bem puras e claras as águas serão,
Uma leve brisa soprará na terra
Quando acontecer a libertação.
Até esse dia, lutar sem descanso,

Mesmo se a luta custar nossa vida,
Cavalos e vacas, os perus e gansos,
Por liberdade, alegria e comida.
Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,
Bichos vivos de todos os lados,
Escutem e espalhem a boa notícia
De que chegará um futuro dourado.

Essa canção provocou uma imensa emoção entre os animais. Mesmo antes de o Major terminar, todos começaram a cantar junto. Até os mais abastados dentre eles já tinham aprendido a melodia e alguns dos versos; e os mais inteligentes, como os porcos e os cães, em poucos minutos já sabiam a canção inteira de cor. Então, depois de ensaiar um pouco, toda a fazenda cantava Bichos da Inglaterra em estrondoso uníssono. As vacas mugiam a música, os cães latiam, as ovelhas baliavam, os cavalos relinchavam, os patos grasnavam, todos na mesma cantoria. Ficaram tão encantados com a canção que a repetiram cinco vezes seguidas e poderiam ter continuado cantando



a noite inteira, se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, o alvoroço acordou o Sr. Jones, que pulou da cama, achando que havia uma raposa no seu quintal. Agarrou a arma que sempre deixava carregada num canto do quarto e disparou uma carga de chumbo na escuridão. Os chumbinhos foram cravar-se na parede do celeiro, e a reunião dispersou-se às pressas. Todos fugiram, cada um para seu canto de dormir. Os pássaros pularam para os poleiros, o gado se aquietou sobre a palha e em dois tempos toda a fazenda estava adormecida.

2



Daí a três noites, o Velho Major morreu pacificamente, enquanto dormia. Seu corpo foi enterrado ao pé do pomar.

Isso aconteceu no início de março. Durante os três meses seguintes houve grande atividade secreta. O discurso do Major tinha revelado aos animais mais inteligentes daquela fazenda uma visão completamente nova sobre a vida. Eles não sabiam quando aconteceria a Rebelião prevista pelo Major, não havia razões para acharem que seria ainda durante suas próprias vidas, mas compreendiam claramente que era seu dever prepará-la.

O encargo de ensinar e organizar os outros calhou naturalmente para os porcos, geralmente reconhecidos como os animais mais inteligentes. Sobressaíam entre os porcos dois jovens barrões chamados Bola-de-Neve e Napoleão, que o Sr. Jones estava criando para vender. Napoleão era um porco da raça Berkshire bem grande e feroz, o único Berkshire da fazenda, não muito falante,

mas com fama de conseguir sempre impor sua vontade. Bola-de-Neve era um porco mais expansivo do que Napoleão, falava mais depressa e era mais inventivo, mas ninguém achava que tivesse a mesma força de caráter do outro. Todos os outros porcos machos na fazenda eram capados para engorda. O mais conhecido entre eles era um porquinho muito gordo, chamado Gritão, de bochechas redondas, olhos brilhantes, ágil nos movimentos e dono de uma voz estridente. Era um brilhante orador e, quando se metia numa discussão acalorada, tinha um jeito de pular de um lado para o outro e uma forma muito persuasiva de balançar o rabo. Os outros diziam que Gritão era capaz de convencer qualquer um de que preto era branco.

Os três haviam organizado os ensinamentos do Velho Major como um completo sistema de pensamento, ao qual deram o nome de Animalismo. Várias noites por semana, depois que o Sr. Jones ia dormir, faziam reuniões secretas no celeiro e explicavam aos outros os princípios do Animalismo. No começo, eles se

defrontaram com muita burrice e desinteresse da parte dos demais. Alguns dos animais até falavam do dever de lealdade para com o Sr. Jones, a quem chamavam de “Patrão”, ou diziam coisas bobas como “O Sr. Jones nos alimenta. Sem ele nós morreríamos de fome.” Outros perguntavam “Por que havemos de nos importar com o que vai acontecer só depois da nossa morte?” ou “Se é verdade que essa Rebelião vai acontecer de qualquer jeito, que diferença faz se nós lutarmos ou não para isso?”, e os porcos tiveram grande dificuldade em fazê-los entender que o que estavam dizendo era contrário ao espírito do Animalismo. As perguntas mais estúpidas de todas foram feitas por Molly, a égua branca. A primeira pergunta que ela fez a Bola-de-Neve foi:

— Ainda vai existir açúcar depois da Rebelião?

— Não — disse Bola-de-Neve, com firmeza. — Nós não temos como produzir açúcar nesta fazenda. Além disso, você não precisa de açúcar. Você vai ter o quanto quiser de aveia e capim.

— E vão permitir que eu continue a usar fitinhas trançadas na minha crina? — perguntou Molly.

— Companheira — disse Bola-de-Neve —, essas fitas de que você tanto gosta são a marca da sua escravidão. Será que você não entende que a liberdade vale mais do que umas fitinhas?

Molly concordou balançando a cabeça, embora não parecesse muito convencida.

Os porcos tiveram ainda mais trabalho para desmentir as lorotas espalhadas por Moisés, o corvo domesticado. Moisés, que era o bicho de estimação do Sr. Jones, era dedo-duro e fofoqueiro, mas ele também era esperto para falar. Ele dizia que sabia da existência de um misterioso país chamado Montanha Confeitada, em algum lugar do céu, um pouco acima das nuvens, para onde todos os bichos iriam quando morressem. Na Montanha Confeitada era domingo sete dias por semana, os trevos brotavam durante todo o ano, e torrões de açúcar, assim como biscoitos de linhaça, brotavam e cresciam nas cercas-vivas. Os animais



detestavam Moisés porque ele só vivia contando balela e não fazia trabalho nenhum, mas alguns deles acreditavam na Montanha Confeitada e os porcos tiveram de argumentar por muito tempo para convencê-los de que esse lugar não existia.

Seus mais fiéis seguidores eram os dois cavalos de tração, Guerreiro e Azedinha. Os dois tinham grande dificuldade para pensar em algo por si mesmos, mas, tendo aceitado os porcos como seus professores, eles captavam tudo o que lhes diziam e comunicavam aos outros animais em linguagem mais simples. Nunca faltavam às reuniões secretas no celeiro e puxavam o canto de Bichos da Inglaterra para encerrar todas as reuniões.

Pois bem, do jeito que as coisas transcorreram, a Rebelião chegou muito mais cedo e mais facilmente do que qualquer um deles imaginava. Nos últimos anos, o Sr. Jones, embora fosse um patrão muito duro, tinha se mostrado um fazendeiro bastante competente, mas ultimamente estava numa fase bem ruim. Ficou muito desanimado depois

de perder dinheiro em um processo na Justiça, e tinha dado para beber mais do que lhe convinha. Passava dias inteiros largado em sua cadeira de braços, na cozinha, lendo os jornais, bebendo e, de vez em quando, dando a Moisés pedaços de pão molhados na cerveja. Seus empregados eram preguiçosos e desonestos, as plantações e pastos estavam cheios de mato, os galpões pedindo novos telhados, as cercas abandonadas e os animais ainda mais mal-alimentados.

Chegou o mês de junho e o capim estava quase no ponto para o corte. Num sábado, véspera do solstício de verão, o Sr. Jones foi para Willingdon e bebeu tanto no bar do Leão Vermelho que só conseguiu voltar para casa ao meio-dia de domingo. Os empregados tinham ordenhado as vacas cedinho de manhã e depois tinham saído para caçar coelhos, sem se preocupar em alimentar os animais. O Sr. Jones chegou e imediatamente arriou, adormecido no sofá da sala com o jornal *Notícias do Mundo* em cima da cara de modo que, quando anoiteceu, os animais

ainda estavam em jejum. Não aguentando mais de fome, uma das vacas meteu os chifres, arrombou a porta do galpão, e todos trataram de se servir nos montes de grãos e feno. Foi só então que o Sr. Jones acordou. Em dois tempos, ele e seus quatro homens entraram no galpão de depósito distribuindo chicotadas para todo lado. Isso era demais para animais famintos aguentarem. Como se estivessem todos combinados, embora nada disso tivesse sido planejado, os bichos todos avançaram contra seus algozes. Jones e seus capangas se acharam, de repente, chifrados e chutados por todos os lados. A situação escapava ao seu controle. Nunca tinham visto animais reagirem assim, antes, e essa repentina revolta de criaturas, que costumavam golpear e maltratar como quisessem, deixou-os apavorados e fora de si. Em pouquíssimo tempo, desistiram de tentar se defender, e pernas para que te quero! Um minuto depois, os cinco já estavam na maior carreira pela estradinha de terra que dava na estrada principal, perseguidos pelos bichos triunfantes.

A Senhora Jones espiou pela janela do quarto, viu o que estava acontecendo, enfiou depressa algumas coisas em um saco e fugiu da fazenda por outro caminho. Moisés saltou de seu poleiro e saiu voando atrás dela, aos gritos. Enquanto isso, os animais botaram Jones e seus homens para fora da fazenda e trancaram a porteira atrás deles. Foi assim que, quase sem se dar conta do que estava acontecendo, os bichos viram que a Rebelião já tinha sido um grande sucesso: Jones fora expulso e a Fazenda Casarão agora pertencia a eles.

Nos primeiros minutos, a bicharada mal podia crer em sua boa sorte. Sua primeira ação foi percorrer em bando os limites da fazenda, como se quisessem ter certeza de que nenhum ser humano tinha se escondido em algum canto da propriedade; daí correram de volta para os edifícios da fazenda e deram fim aos últimos sinais do odioso domínio de Jones. Arrombaram a selaria, no final dos estábulos, e jogaram no fundo de um poço as peças de metal, freios, argolas de focinho, correntes de prender cachorros e as cruéis facas com que

Jones costumava castrar os porcos e os cordeiros. As rédeas, os cabrestos, selas, viseiras, as degradantes focinheiras, foram todos parar na fogueira de lixo acesa no terreiro. Assim fizeram também com os chicotes. Todos os animais pulavam de alegria ao ver os chicotes pegando fogo. Bola-de-Neve jogou no fogo até as fitas que enfeitavam as crinas e caudas dos cavalos nos dias de feira.

— Fitas — disse ele — devem ser consideradas como roupas, que são a marca de um ser humano. Todos os animais devem andar nus.

Quando Guerreiro ouviu isso, pegou o chapeuzinho de palha, que usava no verão para que as moscas não entrassem em suas orelhas, e jogou-o no fogo com todo o resto.

Em pouco tempo os animais tinham destruído tudo o que lhes lembrava Jones. Napoleão então conduziu-os de volta ao galpão de depósito e serviu uma dupla ração de grãos para todos, com dois biscoitos para cada cão. Então cantaram Bichos da Inglaterra, do começo ao fim, sete vezes seguidas, e depois se

acomodaram para passar a noite. Dormiram bem como nunca tinham dormido antes.

Como de costume, porém, acordaram de madrugada e, de repente, lembrando os gloriosos acontecimentos da véspera correram todos juntos para o pasto. Em certo ponto do pasto havia uma elevação de onde se podia ver a maior parte da fazenda. Os animais correram lá para cima e viram aquilo tudo à sua volta, sob a clara luz da manhã. Sim, tudo aquilo era deles — tudo o que avistavam dali de cima era deles! Maravilhados pelo que percebiam, puseram-se dar cambalhotas, a cabriolar e brincar sem parar, com grandes saltos de alegria para o alto. Rolaram pela encosta ainda coberta de orvalho, comeram grandes bocados da grama recém-brotada naquele verão, revolveram aquela fértil terra negra e cheiraram seu rico perfume. Depois deram uma grande volta de inspeção por toda a fazenda e examinaram com muda admiração a terra já arada, os pastos, o pomar, o açude, o bosque. Era como se eles nunca tivessem visto nada

daquilo antes, e mal podiam crer que agora tudo pertencia a eles.

Então voltaram para o centro da fazenda e pararam em silêncio do lado de fora da porta da casa grande. Isso agora também era deles, mas tinham medo de entrar. Depois de um momento, no entanto, Bola-de-Neve e Napoleão abriram a porta com os ombros e os bichos entraram em fila, pisando com o maior cuidado de medo de estragar alguma coisa. Foram nas pontas dos pés, de quarto em quarto, com medo de falar alto e olhando com uma espécie de temor para o incrível luxo daquilo tudo, as camas com seus colchões de penas, os espelhos, o sofá de crina de cavalo, o tapete de Bruxelas, a gravura com o retrato da Rainha Vitória sobre a lareira da sala de estar. Já estavam acabando de descer as escadas quando deram pela falta de Molly. Voltaram atrás e descobriram que ela tinha ficado no melhor dos quartos, onde pegou um pedaço de fita azul da penteadeira da Senhora Jones e estava esticando aquilo sobre seu ombro e se olhando no espelho, feito uma boba. Os

outros a repreenderam com rigor e foram-se todos embora. Só pegaram alguns pernis de porco que estavam pendurados na cozinha e os levaram para dar-lhes um enterro decente, e Guerreiro deu um forte coice no barril de cerveja da dispensa. Fora isso, não mexeram em mais nada da casa. Ali mesmo foi aprovada unanimemente a resolução de preservar assim a casa grande da fazenda como museu. Todos concordaram que nenhum bicho deveria morar lá.

Os animais tomaram sua refeição da manhã e em seguida Bola-de-Neve e Napoleão convocaram uma nova reunião.

— Companheiros — disse Bola-de-Neve —, já são seis e meia da manhã e temos um longo dia pela frente. Hoje começamos a colheita do feno. Mas há outra questão que deve ser resolvida antes disso.

Os porcos então revelaram que, durante os últimos três meses, eles tinham ensinado a si mesmos a ler e escrever, com um velho livro de ortografia pertencente aos filhos do Sr. Jones, encontrado num monte de lixo.



Napoleão mandou buscar latas de tinta preta e branca e liderou a marcha até a grande porteira que dava para a estrada principal. Em seguida, Bola-de-Neve (pois Bola-de-Neve era quem escrevia melhor) pegou um pincel entre as duas unhas de seu casco, cobriu o nome de FAZENDA CASARÃO da barra superior do portão e pintou por cima FAZENDA DOS BICHOS. Esse seria o nome da propriedade a partir de então.

Feito isso, voltaram para os galpões da fazenda, onde Bola-de-Neve e Napoleão pediram uma escada que mandaram apoiar contra a parede do fundo do celeiro maior. Explicaram que, por seus estudos dos últimos três meses, os porcos conseguiram traduzir os princípios do Animalismo em sete mandamentos. Esses Sete Mandamentos seriam agora inscritos na parede, compondo uma lei inalterável, que deveria ser obedecida para sempre por todos os moradores da Fazenda dos bichos. Com alguma dificuldade (pois não é nada fácil para um porco se equilibrar em uma escada) Bola-de-Neve subiu e começou a trabalhar, com

Gritão, alguns degraus abaixo, segurando a lata de tinta.

Os Mandamentos foram escritos na parede coberta de betume, com grandes letras brancas que podiam ser lidas a trinta metros de distância. Diziam o seguinte:

OS SETE MANDAMENTOS

- 1.** Tudo o que anda sobre duas pernas é um inimigo.
- 2.** Tudo o que anda sobre quatro pernas ou que tem asas é um amigo.
- 3.** Nenhum animal deve usar roupas.
- 4.** Nenhum animal dormirá em uma cama.
- 5.** Nenhum animal deve beber álcool.
- 6.** Nenhum animal matará outro animal.
- 7.** Todos os animais são iguais.

Estava tudo escrito com a ortografia correta, menos a palavra “amigo”, que tinha virado “aimgo”, e um dos “S” que ficou invertido. Bola-de-Neve leu em voz alta para benefício dos outros. Todos os animais balançaram as

cabeças concordando e os mais espertos, já na mesma hora, começaram a aprender os Mandamentos de cor.

— Agora, companheiros — gritou Bola-de-Neve, largando o pincel —, vamos para o capinzal! Para nós é uma questão de honra fazer a colheita mais rapidamente do que Jones e seus homens conseguiriam fazer.

Mas neste momento as três vacas, que já antes pareciam inquietas, puseram-se a mugir. Havia vinte quatro horas que ninguém lhes havia tirado leite e suas tetas estavam quase rebentando. Depois de pensar um pouco, os porcos mandaram buscar os baldes e ordenharam as vacas com bastante sucesso, vendo que suas patas se adaptavam bem a essa tarefa. Logo tinham cinco baldes de leite cremoso e espumante que muitos dos animais pareciam olhar com bastante interesse.

— Para onde vai todo esse leite? — perguntou alguém.

— Jones costumava misturar um pouco disso em nosso mingau, disse uma das galinhas.

— Não se preocupem com o leite, companheiros — gritou Napoleão, postando-se na frente dos baldes. — Isso ainda vai ser resolvido. Agora o mais importante é a colheita do capim. O companheiro Bola-de-Neve vai guiar vocês para o campo. Daqui a pouco eu também chego lá. Avante, companheiros! O capim está esperando.

Então, os animais foram até o capinzal para começar a colheita e, quando voltaram, à noite, todo o leite havia desaparecido.